

**nós temos um sonho:
partejando a educação com amor aos pés do iroko**

**we have a dream:
mothering education with love at iroko's feet**

Vanda Machado

Professora colaboradora

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Salvador, BA

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5617-0776>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14212730>

Editorial

Resumo: Uma releitura histórica dos fundamentos da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). A autora, uma educadora negra que é referência na concepção de uma pedagogia baseada na ancestralidade afrobrasileira na diáspora (*Projeto Irê Ayó* 1986), discute novas perspectivas epistêmicas e pedagógicas para a Educação antirracista na Educação Básica brasileira, passadas duas décadas da implementação da Lei nº 10.639/2003.

Palavras-chave: (1) Educação das Relações Étnico-Raciais; (2) Ancestralidade; (3) Oralidade; (4) Lei nº 10.639/2003; (5) Projeto Irê Ayó.

Abstract: A historical reinterpretation of the foundations of the Ethnic-Racial Relations Education (ERER). The author, a black educator who is a reference in the conception of a pedagogy based on Afro-Brazilian ancestry in the diaspora (*Irê Ayó Project* 1986), discusses new epistemic and pedagogical approaches for anti-racist Education in Brazilian Basic Education, two decades after the implementation of Law nº 10.639/2003.

Keywords: (1) Ethnic-Racial Relations Education; (2) Ancestry; (3) Orality; (4) Law nº 10.639/2003.; (5) *Irê Ayó Project*.

*Conta-se, na tradição oral de matriz africana, que no princípio havia uma única verdade no mundo. Entre o mundo natural e o mundo espiritual existia um espelho. Um grande espelho. Tudo que se mostrava no mundo espiritual no Orum se materializava e se mostrava no Aiyê. Ou seja, tudo que estava no mundo espiritual se refletia exatamente no mundo material. Ninguém tinha a menor dúvida em considerar todos os acontecimentos como verdades. E todo cuidado era pouco para não se quebrar o espelho da Verdade, que ficava bem perto do Orum e bem perto do Aiyê. Neste tempo, vivia no Aiyê uma jovem chamada Mahura, que trabalhava muito, ajudando sua mãe. Ela passava dias inteiros a pilar inhame. Um dia, sem querer, perdeu o controle do movimento ritmado que repetia sem parar e a mão do pilão tocou forte no espelho, que, então, espatifou-se pelo mundo. Desesperada, Mahura correu para se desculpar com Olorum, o Deus Supremo. Qual não foi a surpresa da jovem quando encontrou Olorum calmamente sentado à sombra de um Iroko (planta sagrada, guardiã dos terreiros). Olorum ouviu as desculpas de Mahura com toda a atenção, e declarou: Fique tranquila Mahura, que, devido à quebra do espelho da verdade, de hoje em dia não haverá mais uma verdade única para se observar, mas várias possibilidades de observação da verdade. E concluiu Olorum: “De hoje em diante, não existe mais uma única verdade no mundo. Quem encontrar um pedaço de espelho, em qualquer parte do mundo, encontrará apenas uma parte da verdade, porque o espelho reflete apenas a imagem do lugar onde ele se encontra. Apenas um fragmento da verdade. E o mundo para ser mundo precisa de muitas verdades (MACHADO, Vanda. *Pele da cor da noite*. Salvador, BA: Edufba, 2013).*

Estamos vivendo um tempo de conflito, reflexão e subversão, que vão tocando fundo a sensibilidade do nosso povo. Estamos diante de mudanças significativas no tratamento com a vida, com a História, com a política nacional e convivência com a nossa cultura, que é afrobrasileira e na qual vivemos mergulhados sem nos dar conta da sua presença estruturante. Estamos lutando por uma liberdade e democracia que ainda se constrói impregnada de dor, desmontando ideias e construções históricas arraigadas.

Com certeza buscamos a transformação urgente da sociedade, o que só acontecerá também a partir de um movimento interno de cada um. Trata-se, entretanto, de um movimento singular, que suscita a mudança paradigmática na relação entre o povo brasileiro e o papel transformador e decisivo da Educação dos nossos jovens e crianças.

Importa o compromisso para a criação de uma sociedade nova, impulsionada por outras configurações organizativas em forma de redes e alianças sociais e solidárias. Entendemos também que é justamente desta perspectiva que deverá nascer a semente para o sentido de Educação na vida de nossas crianças como um compromisso de toda a sociedade, como nos diz o provérbio africano:

— *É preciso uma aldeia inteira para educar cada criança.*

Esta é uma dificuldade sem tamanho, pelo enigma que é selecionar o que é indispensável para que os indivíduos sejam educados também para a contemplação do mundo, que acende a chama da nossa fraternidade cósmica.

O conhecimento da força da História e da Cultura Afrobrasileira, que nos abraça como educadoras e educadores das Relações Étnico-Raciais (ERER), é o que nos proporciona conviver e relacionar saberes, exercitando a condição de sujeitos éticos, coletivos e solidários com atenção a tudo e a todos.

A escola precisa de exercícios de solidariedade, afeto, alegria e emoção no seu currículo, como conteúdo. Emoção para a arte de aprender e a arte de ensinar. Ensinar incluindo a arte e a cultura é cultivar a consciência histórica, a emoção de saber-se quem é. Considerar o pensamento africano recriado na diáspora é refazer caminhos de celebração, nos quais se incluem as diversas linguagens das manifestações culturais do lugar.

As manifestações culturais são como legados de estâncias africanas, impregnadas de comportamentos coletivos, que reúnem Memória e História de liberdade do povo preto. Aqui em Salvador somos mais de 83% de negras e negros de todas as idades na busca constante de “ser sendo”.

A prática nas comunidades, principalmente nas comunidades negras de terreiros e quilombolas, revive encontros que renovam o ânimo de seu

povo. São momentos criados por um calendário que conta histórias do lugar em forma de festa. Tem Festa de São Benedito; Festa de Nossa Senhora do Rosário; Festa dos Santos Reis, e Festa do Padroeiro de cada lugar. Pelo Brasil afora tem *Jongo*; *Zabiapunga Congo*; *Congada*; *Tambor de Mina*, e *Maracatu*, além das festas religiosas dos terreiros de religiões de matriz africana. São festas que contam histórias do valor emblemático da comunidade. A questão é incluir tudo isto no currículo e transformar em aprendizagens significativas.

Entendo que a minha fala é menos acadêmica. Eu trago a fala das encruzilhadas. Academia me deu régua e compasso para expressar as minhas vivências. Aqui eu trago a fala que deseja apresentar onde tudo se organiza e desorganiza como novos espaços.

Milhares de etnias foram sequestradas, separadas e aqui conseguiram reunir-se como família ancestral única, onde está representada toda nossa diversidade.

É possível que em uma construção cultural, recriada por milhares de etnias, com o correr do tempo as diferenças possam ser praticamente anuladas. Por outro lado as similaridades e convergências podem se constituir em novos padrões culturais de grupos diferenciados conforme se observa nos ambientes de matriz cultural africana.

Ao longo do meu caminho de *aprendências* e *ensinâncias*, ou na minha experiência de formadora de educadoras e educadores, tenho recorrido aos pensamentos mais remotos, nos quais se incluem múltiplos espaços de retratos de memórias e uma infinidade de narrativas. Tenho aprendido pela oralidade, quando me aproximo das pessoas mais antigas e conhecedoras da minha religião, a exemplo de *Mãe Stella*, *Mãe Beata de Iemanjá* e toda gente do *Ilê Axé Opo Afonjá*, como a possibilidade de ampliar o meu conhecimento sobre temas que até pareciam esgotados.

Temos pensado a Educação como o espaço a ser transformado como possibilidade libertadora. Entretanto seria impossível seguir adiante sem compreender a necessidade de reunir saberes e conhecimentos da História do continente mais antigo do mundo, e sua relação com as histórias de negras e negros no Brasil, que continuam desafiando o seu tempo para sentir-se em casa.

Para efetivação do *Projeto Político Pedagógico Irê Ayó* (1986) na comunidade do *Ilê Axé Opo Afonjá*, preferimos articular conhecimento, culturas e saberes, considerando o movimento de uma roda centralizada no território *Afonjá*, na sua origem ancestral, como nos foi legada por *Mãe Aninha*, nossa primeira matriarca. Uma roda que se move, onde a herança negra nos faz potencialmente iguais.

Na escola, o continente africano que ignoramos, é ainda o menos conhecido dos nossos jovens e crianças, mesmo levando-se em consideração a obrigatoriedade das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. Trata-se de leis que criam obrigatoriedade para pensar o continente africano como nascente do

mundo e da civilização humana. Consequentemente, é o que nos encaminha a pensar o Brasil como um país de muitas faces e uma pluriculturalidade que aponta a cultura negra como possibilidade para fazer valer o que está escrito na forma de Lei Federal, nascida da luta dos diversos Movimentos Negros do país.

— O que seria, na prática, pensar Educação inclusiva e antirracista para nossas crianças desde a primeira infância?

— Como educar promovendo encontros; colando os ouvidos à toda realidade, e olhando nos olhos como exercício de encontro, cuidado, solidariedade e perspectiva de saúde mental na escola e na sociedade, sem perder de vista as novidades das tecnologias que avançam sem limites?

Um dos desafios é saber onde e como começou a História do povo brasileiro, quem são os nossos ancestrais, como viviam, como se organizavam e qual a relação entre a ancestralidade africana e as diversas formas de agregação do povo negro, desde os primórdios, até a contemporaneidade. Trata-se ainda de uma elaboração da nossa História, da consciência política e da territorialidade que nos abraça e identifica.

A cultura mantém estreita relação com a possibilidade de ligar realidades, onde se inclui a realidade interna e externa do indivíduo até encontrar um elo entre a memória; a motivação genuína; a imaginação criativa, e o interesse pela sua própria História. Partindo destes princípios, relacionar a identidade cultural do estudante afrodescendente com aprendizagem implica a necessidade de propiciar a compreensão de aspectos da cultura africana e afrobrasileira na sua essência emancipadora. Entendemos assim o papel transformador da Educação como um compromisso para a construção de uma sociedade nova, uma nação que nos abraça, impulsionada por outras formas organizativas, que permitam redes e alianças sociais e solidária.

A cultura é algo específico dos agrupamentos humanos é o que organiza o jeito de ser, de pertencer e de participar solidariamente da sua comunidade. Ao mesmo tempo, em se tratando da relação entre o continente africano e o Brasil, não há dúvida quanto a herança cultural de milhares de etnias, como pedaços de espelhos que se esparramaram pelo mundo. Neste país que se mostra com dimensão continental, o caos das verdades espelhadas fez brotar diferenças que paradoxalmente tendem a nos aproximar. Comportamentos decisivos afirmam o jeito de ser do povo brasileiro. São milhares de pedaços e pedacinhos de espelhos, como fractais do mundo com memórias, histórias, semelhanças e singularidades que nos aproximam da tradição e da ancestralidade africana. Este é um dos sentidos da inserção da História e Cultura Afrobrasileira e Africana no currículo nacional.

Importante é compreender que não se trata de substituir um discurso branco, por um discurso negro, e por certo, não se pretende absolutizar a cultura negra como única influência na formação do povo brasileiro, o que seria também excludente. Também não se trata do desvelamento ou estabelecimento de uma única verdade, mas como uma potência de realização de sonhos de liberdade, de inclusão, de tudo que existe no mundo sem verdades absolutas como nos dizem os versos da canção *Manda Chamar* (2014).

*Manda chamar os índios
Manda chamar os negros
Manda chamar os brancos
Manda chamar meu povo
Para o rei Brasil renascer
Renascer de novo* (MENDES & SANTANA 2014).¹

Uma das características mais importantes da cosmopercepção da cultura afrobrasileira é a consciência da interrelação de todos os elementos naturais com seus eventos consequentes. É a complexidade de todos os aspectos, como manifestações de uma unidade básica. Nessa dimensão, todas as coisas são encaradas como partes interdependentes e inseparáveis de um todo cósmico.

O pensamento africano recriado na diáspora nos remete a ideia de todos os corpos comprometidos com os fenômenos da natureza. É nesta perspectiva que nos colocamos na relação com as energias de todo Cosmo, de modo a vivenciá-las também no próprio corpo.

Muito deste conhecimento aprendi olhando, escutando e sentindo o mundo que me foi mostrado desde criança na *Fazenda Copioba* em São Felipe, BA, lugar onde nasci e onde todos os seres se encontram, sejam as pessoas, os astros, os rios, as árvores, o mato e os bichos, porque tudo é vivo. A poesia *santamarense* continua chamando o mundo para agregar, para cuidar do mundo, para alegrar o mundo, sem perder de vista o afeto e solidariedade.

*Manda chamar os bichos
Manda chamar a mata
Manda chamar a água
A terra, o ar e o fogo
Para o rei Brasil renascer
Renascer de novo* (MENDES & SANTANA 2014).

¹ MENDES, Roberto & SANTANA, Tiganá (2014).

Disponível em: <https://youtu.be/99Waim4pc98>

Acesso em: 20/11/2024.

A Cultura Afrobrasileira, em sua força de oralidade, confere símbolos e signos da sua mitologia, em cujos rituais emergem referências que se transformam e se conceituam como aprendizagem significativa. Para a inclusão da História da África, vale implicar a contribuição das diversas linguagens das artes, para a construção de implementação de imagens falares, ações de narrativas transformadoras nos vazios da nossa História ancestral e afrobrasileira.

Consideramos que estamos nos aproximando da Educação das Relações Étnico-raciais, como sujeitos e da nossa História, na busca de preencher os silêncios e os vazios da História que não foi contada.

Manda chamar Tupã

Manda chamar Olorum

Chamar o Deus do povo.

Para o rei Brasil renascer

Renascer de novo (MENDES & SANTANA 2014).

Estamos a caminho da realização de um sonho, com ações instaladas no processo de transformação, como atores participativos de ações agregadoras, solidárias, articuladas e orientadas para a construção de reflexão. Portanto, não percamos de vista a ideia de que somos seres interdependentes. No plano do mundo natural, o ser humano depende também do Outro e dos seus saberes; depende do ar, da terra e dos seus minerais; da água, das plantas e de todas as formas de vida conectadas.

Entendemos que ao longo destes 20 anos a metodologia conteudista não foi o suficientemente nas suas possíveis conexões, considerando por exemplo, outras formas de comunicar saberes, utilizando também as linguagens das artes e a tradição oral.

Uma das lições importantes vem de *Léopoldo Sédar Senghor*:

o negro não assimila, ele se assimila (...) ele conhece o outro (...) Sujeito e objeto são dialeticamente confrontados no ato mesmo de conhecimento, que é ato de amor (...) “Eu sinto o Outro, eu danço o Outro, então eu sou”.

De fato não são as caravelas de Cabral que determinam o mito fundador do povo brasileiro. Não existe uma única lógica. Neste país de dimensões continentais, tampouco existe uma única cultura. Somos plurais, mas entendemos a ameaça de um mundo paralelo, com limites que levam em consideração as perspectivas da racionalidade; da diferença sexual; da sexualidade, e da espiritualidade. Reconhecemos os perigos de uma epistemologia com elementos que hierarquizam e qualificam povos, criando superiores e inferiores e determinando o que podemos ser.

Quando cheguei ao Ilê Axé Opô Afonjá, em 1986, levava como objetivo operacionalizar um projeto de pesquisa de mestrado na

Ufba, enfocando o universo cultural da criança afrodescendente. Consequentemente, levei também a ideia de vivenciar o cotidiano do lugar. Interessava-me participar de todos os eventos possíveis para compreender a relação cultural que teria envolvido, pelo menos, três gerações nesse terreiro. A cultura no Opo Afonjá, antes de ser herdada, fora e é transmitida em uma cadeia viva e recriada, plena de sabedoria das pessoas mais velhas. Minha compreensão, no que diz respeito à cultura do lugar, implicou em uma compreensão de conhecimentos ancestrais. Impossível pensar a nossa ancestralidade sem pensar a História da África e as conexões que nos reúnem para ver o Brasil renascer de novo.

E aqui estamos agora, ao final de 2024, bradando pelo direito de sermos diferentes, pelo direito de enraizamento; pelo que somos; pelos fundamentos da nossa ancestralidade negra e pelo cuidado com o mundo.

Sobre a Autora

Vanda Machado é pesquisadora, possui doutorado e mestrado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora colaboradora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Criou o Projeto Político Pedagógico Irê Ayó na Escola Eugenia Anna dos Santos no Ilê Axé Opô Afonjá, propiciando o reconhecimento da escola como Referência Nacional pelo Ministério da Educação (MEC). Tendo sua trajetória acadêmica dedicada a Educação Étnico-racial, currículo e cultura, vem realizando consultorias, palestras, conferências e apresentando trabalhos em vários Estados no Brasil, também em Bruxelas, Nigéria, Cuba, Portugal e Buenos Aires. Membro da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO), participou como roteirista do documentário: O Cuidar nos Terreiros e Saúde. Coordenou o Projeto Irê Ayó em comunidades quilombolas na parceria SECULT/Fundação Palmares. Criou e coordenou o Projeto Capoeira Educação para a Paz – Formação para Capoeirista Educadores (Lei 10.639/03) no Forte de Santo Antônio Além do Carmo IPAC/SECULT. Tem livros, textos e artigos publicados em revistas especializadas.